



Recebido: 17/06/2020

Aceito em: 01/07/2020

Religião e Domínio: Uma Abordagem sobre a Relação entre Linguagem Visual e Poder Símbolo em Favelas Cariocas

Religion and Domain: An Approach to the Relationship Between Visual Language and Symbolic Power in Favelas in Rio de Janeiro

Mestranda Viviane Costa*
UMESP

<http://lattes.cnpq.br/2075238880680915>

Orientador: Doutor Vítor Chaves de Souza
UMESP

<http://lattes.cnpq.br/1780123622020310>

Resumo

Este artigo propõe uma abordagem introdutória sobre a relação entre linguagem visual religiosa e poder simbólico a partir do avanço do novo movimento pentecostal brasileiro e a pentecostalização de favelas na cidade Rio de Janeiro. Inicialmente, notaremos como a experimentação de insegurança e vulnerabilidades sociais configuram ambiente propício para a expansão do fenômeno que cresce em lugares denominados como territórios de pobreza. Em seguida, veremos de que forma o *ethos* de guerra comum a traficantes e moradores adere à teologia do domínio que se apresenta na luta dualista evangélica neopentecostal através da disputa por vidas e territórios. Por fim, analisaremos como o poder simbólico se revela e comunica por meio de sistemas estruturados e integrados socialmente. Compreenderemos como a narcorreligiosidade se apropria do uso da linguagem como símbolo compartilhado pela comunidade para realocar fronteiras entre quem faz parte dela e o "outro", que deverá ser excluído.

* Mestranda no Programa de Ciências da religião na Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, orientada por Vítor Chaves de Souza. Título da pesquisa: "Jesus é dono do lugar: a pentecostalização de favelas cariocas e a violência religiosa em dominações territoriais". Bolsista Capes.

Palavras-chave: linguagem visual; pentecostalismo; traficante evangélico; poder simbólico; narcorreligiosidade.

Abstract

This article proposes an introductory approach on the relationship between religious visual language and symbolic power from the advance of the new Brazilian Pentecostal movement and the pentecostalization of favelas in city of Rio de Janeiro. Initially, we will notice how the experimentation of insecurity and social vulnerabilities constitutes a favorable environment for the expansion of the phenomenon that grows in places called territories of poverty. Then, we will see how the *ethos* of war common to traffickers and residents adheres to the theology of domain presents in the neo-pentecostal evangelical dualist struggle through the dispute for lives and territories. Finally, we will analyze how symbolic power is revealed and communicated through structured and socially integrated systems. We will understand how narco-religiousness appropriates the use of language as a symbol shared by the community to reallocate borders between who is part of it and the “other”, who should be excluded.

Keywords: visual language; pentecostalism; evangelical trafficker; symbolic power; narco-religiousness.

1. Introdução

O novo movimento pentecostal com sua dinâmica de amplitude mundial¹ se estabelece nas periferias cariocas. O ambiente de vulnerabilidade sociopolítica e de experimentação de insegurança é ocupado por redes evangélicas que se ampliam e ressignificam o modo de ver e viver em comunidades marcadas pela violência e pelo abandono.

As práticas evangelísticas pentecostais direcionadas a traficantes e seus familiares e a relativização de fronteiras antes bem definidas viabilizam a associação desses traficantes, outrora identificados com religiões de matriz africana. O movimento já em expansão é empoderado pelo redirecionamento religioso e por ações comunitárias e patrocínios do tráfico de drogas local (VITAL DA CUNHA, 2015).

A etnografia *Oração de traficante* nos permitirá compreender as intersecções sociopolítica e religiosa na favela de Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro, os movimentos que as cercam e ressignificam o *ethos* de guerra comum a ambientes marginalizados e caracterizados como territórios da pobreza e como o Deus do traficante é autorrepresentado em faces religiosas transpassadas pela cosmovisão do deus guerreiro.

2. Narcorreligiosidade no complexo de Acari

A compreensão da dinâmica religiosa proposta se dará a partir de dados etnográficos apresentados no livro *Oração de Traficante*, fruto de pesquisa de campo extensiva realizada na comunidade do Acari, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro².

A favela do Acari, ou complexo do Acari, compreende um total de sete favelas entre os bairros de Acari e Irajá. Território marcado por alta desigualdade social, mesmo quando comparado a outras favelas da cidade.³

O cotidiano marcado por violência, insegurança e abandono do poder público contribui diretamente para a formação de uma realidade paralela para manutenção da sobrevivência.

¹ A América Latina é o continente com maior representatividade deste fenômeno. O Brasil se destaca como maior país pentecostal desse continente (MARIANO, 2014).

² Etnografia realizada entre os anos de 1996 e 2005 nas favelas de Acari e no Morro Santa Marta, ambas na cidade do Rio de Janeiro (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 13).

³ Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), tomando como referência os dados do IBGE de 2000, Acari ocupa a 124ª em qualidade de vida, dos 126 municípios da cidade (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 55).

Ao analisar estudos de Wacquant, sobre “territórios da pobreza”, em que conclui a isenção consciente e planejada das elites econômicas ao privar trabalhadores dos serviços públicos a que têm direito, a pesquisadora destaca:

A incapacidade dos governos dos países desenvolvidos, ou a má vontade de suas classes dominantes convertidas ao neoliberalismo, em enxergar o acúmulo social e espacial de privação da classe trabalhadora e dos enclaves etnoraciais da metrópole dual promete provocar inquietação recorrente a um desafio assustador à moderna instituição da cidadania. Trata-se de uma das maiores forças que alimentam a rápida expansão e o endurecimento uniforme da polícia e das políticas sociais dirigidas ao combate da marginalidade avançada e terá eventualmente de ir além do emprego e mover-se em direção à criação de um direito à subsistência fora da tutela do mercado, via algumas variantes de “renda básica” (WACQUANT, 2000, p. 110 apud VITAL DA CUNHA, 2015, p.32).⁴

A privação de recursos universais experimentados pelos moradores desses territórios potencializa a sensação de insegurança e vulnerabilidade, dando o tom da relação favela-estado enquanto esse cenário é aumentado pela expansão acelerada do tráfico de drogas.

Mais ainda, a retroalimentação dos preconceitos, as políticas públicas que pretendem enfrentar o crime violento como recrudescimento da repressão sobre os ‘territórios da pobreza’ e a implementação de políticas e projetos sociais paliativos e pouco estruturados são como o “efeito *boomerang*” de uma visão equivocada do problema da violência (VITAL DA CUNHA, 2015, p.35).

O tráfico organizado ocupa as lacunas deixadas pelo Estado, se tornando agente responsável pela nova identidade midiática local, caracterizando esses territórios como local de violência, insegurança e pobreza.

O significativo crescimento do movimento pentecostal na América Latina pode ser percebido de maneira ainda mais evidente no Brasil, contando com quase metade dos 50 milhões de evangélicos do maior continente protestante do mundo, se manifesta, sobretudo, em países de Terceiro mundo. O movimento pentecostal se apresenta substancialmente nas sociedades em desenvolvimento e tem relação direta com o perfil socioeconômico local, a experiência de vulnerabilidade e a vivência do abandono. A aceleração do crescimento é mais evidente entre classes sociais mais pobres, que possuem menor índice de escolaridade, tendo o maior contingente de analfabetos, menores salários e maiores taxas de desempregos (MARIANO, 2014).

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais

⁴ Estudos realizados sobre os “territórios da pobreza” na França e nos EUA (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 33).

marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos – têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material (MARIANO, 2014, p.12).

A opção desses moradores pelo movimento pentecostal aponta para uma conversão, não abrupta, como parte de um processo de fronteiras relativizadas. Entradas e saídas do movimento ou adesão a parte dele não mais caracterizam a conversão como “falsa ou verdadeira”. Não se compreende, aqui, conversão como fator de ruptura com a vida pregressa, principalmente a praticas relacionadas a sexo e drogas, mas com o redirecionamento de fé para um *ethos* pentecostal (VITAL DA CUNHA, 2015, p .65).

Admitiremos essa perspectiva, reconhecendo-a como uma das faces possíveis da compreensão deste fenômeno religioso e analisando seu atravessamento pela dogmática pentecostal e pela cosmovisão do lugar em que se vê o fenômeno.

O lugar onde a religiosidade “evolui” e se manifesta é na fronteira. É na fronteira que o novo *ethos* é adquirido e uma nova cosmologia, inculcada, transforma os modos de ver e estar no mundo. Contudo, o *ethos* pentecostal e o possível “*ethos* de guerra” são tomados como “modos de ver e estar” de alguns desses convertidos, o que veremos adiante.

Há uma aderência do mundo pentecostal ao universo da batalha, que no caso religioso é a batalha espiritual e no dos traficantes uma batalha contra os inimigos (os internos do próprio tráfico, a polícia, as outras facções). Mobiliza-se muito a gramática religiosa da guerra, do deus de Davi da proteção e da confirmação (MACHADO, 2017).

As vulnerabilidades sociais e a diminuição da sensação de insegurança têm como agente principal de enfrentamento as “redes religiosas”. Estas exercem papel fundamental nesse processo de novas experimentações religiosas e amenização de invisibilidade em favelas e periferias urbanas aumentando a autoestima de indivíduos marginalizados, incentivando o empreendedorismo e ampliando o estreitamento de relações interpessoais.

Em Acari as redes evangélicas atuam como circuitos de trocas envolvendo dinheiro, comida, utensílios, informações, proteção e recomendações de trabalho, articulando redes de proteção, estreitando laços e alcançando muitas vezes o objetivo de ‘enraizar’ o fiel na igreja, ganhando novas almas para o Senhor” (VITAL DA CUNHA, 2015).

As ações evangelísticas pentecostais são voltadas para o ambiente familiar, inclusive do traficante. Num evidente cumprimento da missão bíblica de ganhar novas almas para o reino, realizam cultos nos lares em campanhas de oração e libertação. A relativização de fronteiras, outrora bem estabelecidas, possibilita a aproximação de traficantes a evangélicos.

Tradicionalmente, os traficantes cariocas se identificam com religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé⁵, sincretizados com representatividades características do catolicismo. Entrevista realizada com moradora do Morro Santa Marta relata a antiga relação dos bandidos com o candomblé:

Eu acho que o bandido não tinha muita parceria com as religiões. A religião que eles mais aceitavam e visitavam era o candomblé. Nas igrejas católicas e evangélicas eles quase não visitavam, não tinha a troca que tem hoje (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 324).

Em relato de outro morador a relação política, social e cultural é lembrada:

Em muito pouco tempo acabaram todos os terreiros de candomblé, de macumba, umbanda. Nos anos 90 desapareceram completamente [...]. Eu acho que é parte dessa pressão, desse momento que a gente vive. Rezadeiras já teve. Atualmente não tem nenhuma. Antigamente você tinha pessoas ligadas ao catolicismo...rezadeiras, faziam ladainhas ou você tinha o pessoal da umbanda. (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 325).

Traficantes locais associados ao movimento evangélico, como resultado da pentecostalização que já acontecia entre moradores e comerciantes, potencializam sua dinâmica como agentes de empoderamento e expansão de evangélicos em espaços públicos locais, reproduzindo seus comportamentos, aprendendo, ressignificando e aderindo a seus signos como parte de uma nova "gramática pentecostal" (VITAL DA CUNHA, 2014).

3. Linguagem e poder

Durante as décadas de 1980 e 1990 os traficantes da comunidade de Acari se identificavam com as religiões de matriz africana expondo individual e coletivamente suas expressões de fé em elementos religiosos e tatuagens sobre corpos, comparecendo a cultos na umbanda e no candomblé, e por meio de imagens pintadas e erguidas em espaços estratégicos da favela (VITAL DA CUNHA, 2015). São Jorge, ou Ogum, como é representado na umbanda, é o santo guerreiro. Símbolo da vitória do bem contra o mal, o soldado que vence o dragão. Na comunidade em que a vida é marcada pela luta, o deus guerreiro assumiu

⁵ Para saber mais ver Vital da Cunha, 2015, p. 324.

autorrepresentação e “teve sua imagem associada aos que estão na ‘guerra’ (seja a favor do crime ou em combate a ele): bandidos, traficantes, bicheiros e policiais” (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 331).

Na sede da associação de moradores, uma imagem de São Jorge sobre o cavalo era exposta em destaque no telhado. Até então, sem dúvida, a imagem mais presente na comunidade.



São Jorge sobre o telhado da associação de moradores do Parque Acari. 1996. Foto: Marcos Alvito.

A adesão ao mundo pentecostal, ao universo da batalha, que no caso religioso é a batalha espiritual, ressignifica o *ethos* de guerra local. A constante “nóia⁶ dos manos”, sempre vigilantes contra os inimigos (outras facções, polícias e membros internos por disputas de poder), associa-se ao *ethos* religioso pentecostal – do deus evangélico chefe do exército do Senhor contra o Inimigo, do mundo da guerra do bem contra o mal, do linguajar bélico e da disputa por territórios e vidas no mundo espiritual. Estes conteúdos éticos, imbricados e inter-relacionados, expressam e redirecionam novas expressões de fé dessas periferias.

Esse redirecionamento do universo religioso local e da expressão pública inicia-se por meio de “policiais evangélicos”, conhecedores da dinâmica narcorreliosa local, durante operações de ocupação da favela. Policiais do 9º Batalhão de Acari, em operação de responsabilidade da Secretaria de Segurança, teriam sido os primeiros agentes de mudança desses espaços, destruindo e substituindo vários signos religiosos que marcavam a presença e identificam a

⁶ Termo comum a paranoia, neura. Ver Machado, 2017.

dominância do tráfico de drogas nessa comunidade⁷. Alguns anos mais tarde, os bandidos voltaram, a ocupação policial chegou ao fim, mas Jesus ficou.

A comunidade, em outro tempo “protegida” e ocupada predominantemente pela figura de São Jorge, anuncia seu novo proprietário “guerreiro” e “senhor” pelas mãos de traficantes evangelizados durante a pentecostalização da favela.

A alternância de poder desloca e recoloca posições de classes dominadas e dominantes. Um poder que se deixa ver menos ou que é até mesmo invisível. Esse poder, que se exerce pela ausência de importância dada a sua existência, que fundamenta e movimenta uma série de outros poderes e atos (WACQUANT, 2013). O poder que está por trás, escondido nas entrelinhas e que é cunhado com este propósito. Quando reconhecido, estamos diante do poder simbólico. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

É através desses sistemas simbólicos, como a língua, a arte, a religião, que o poder simbólico se revela. A linguagem visual religiosa é, enquanto sistema simbólico, uma estrutura estruturante segundo o modelo de Saussure⁸, pois se configura como instrumento de conhecimento e construção de mundo dos objetos, delineando seu caráter socialmente determinado e arbitrário de modo imanente (BOURDIEU, 1989, p. 7). Ainda segundo Bourdieu e sua concepção de classe, essas relações acontecem de duas formas principais.

Primeiramente, reificadas como conjuntos de posições objetivas que as pessoas ocupam (instituições ou “campos”) e que, externamente, determinam a percepção e a ação; e, em segundo lugar, depositadas dentro de corpos individuais, na forma de esquemas mentais de percepção e apreciação (cuja articulação, em camadas, compõe o “habitus”), através dos quais nós experimentamos internamente e construímos ativamente o mundo vivido. Para capturá-los, pode-se e deve-se superar a oposição mortal entre duas posturas antitéticas e igualmente truncadas, o objetivismo e o subjetivismo, mediante a adoção de um relacionismo metodológico sistemático, capaz de apreender a complicada dialética das estruturas sociais e cognitivas na história, a intrincada dança de disposições e posições da qual a prática deriva (BOURDIEU, 1989, p.3).

Outro meio pelo qual o poder simbólico funciona está nos símbolos, que são, para o sociólogo, instrumentos de integração social. É a partir dos símbolos que uma determinada comunidade linguística, artística, religiosa, entra em consenso acerca dos sentidos e representações que circulam neste meio e que contribuem para a reafirmação e reprodução de paradigmas, de ideias e de uma ordem social

⁷ Ver Vita da Cunha, 2015, p. 335.

⁸ Ver Hall, 2016, p. 57.

(BOURDIEU, 1989, p. 10). Desta forma, os símbolos são parte do modo como representamos a realidade e o mundo, o meio pelo qual uma cultura e seus valores se expressam e se reafirmam através dos sistemas simbólicos.

Dessa maneira, compreendemos representada em linguagem visual os movimentos religiosos em Acari. A religião “oficial”, outrora catolicismo sincretizado com umbanda, é agora a da classe dominada. A destruição e substituição de elementos religiosos se apropria de códigos de sistemas linguísticos compartilhados pela comunidade do Acari. A imagem de São Jorge, padroeiro da cidade e santo guerreiro, é retirada do ponto mais alto do complexo dominado pela fação e de acesso livre aos moradores, a associação de moradores, e substituído por um outdoor que sentencia o novo santo protetor, guerreiro e dono do morro.



Associação de Moradores do Parque Acari. O altar onde ficava São Jorge hoje vazio. Em destaque, o *outdoor* financiado pelo tráfico de drogas local. 2006.

A comunicação da sentença se estabelece e é compreendida porque o autor compartilha das mesmas regras e códigos comuns do sistema que permite que se comuniquem um com o outro significativamente, o que Saussure nomeia de parte social da linguagem⁹ e que organiza em duas partes:

A primeira consiste nas regras gerais e códigos do sistema linguístico, que todos os seus usuários devem compartilhar para que ele seja utilizado como um meio de comunicação. (...) Essa estrutura de linguagem subjacente, governada por regras e que nos permite produzir sentenças bem formadas foi chamada por Saussure de “*langue*” (o sistema de linguagem). A segunda consiste nos atos particulares de fala, escrita ou desenho que – usando a estrutura e as regras de *langue* – são produzidos por um interlocutor ou escritor real. Ele chamou isso de “*parole*”. A *langue* é o sistema da linguagem, a linguagem como um sistema de formas,

⁹ Ver Hall, 2016, p.61

enquanto a parole é a fala [ou escrita] real, os atos de fala que só são possíveis pela linguagem (HALL, 2016, p. 61-62).

Na entrada da favela, uma antiga pintura de Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do país, é substituída por dizeres que apresentam a perspectiva evangélica sobre o uso de imagens para representação da divindade: o santo Jesus Cristo. Abaixo da imagem está a assinatura "Comunidade do Acari: Fanático e Neurótico por Jesus".



Pintura de Nossa Senhora de Aparecida em 1996. A pintura foi feita em 1994. Foto: Marcos Alvito Pintura feita no lugar onde antes ficava a pintura de Nossa Senhora de Aparecida, 2008.

A escolha dos santos e imagens não eram aleatórias. A guerra entre inimigos territoriais específicos no mundo espiritual, que permeia toda relação de luta dos cristãos com o diabo, caracteriza e identifica os novos movimentos com o neopentecostalismo e sua teologia do domínio. (MARIANO, 2014, p.137).

Os elementos religiosos destruídos e substituídos indicam necessidade de proteção, comum ao *ethos* de guerra local, representada pelo guerreiro São Jorge; cura, pelos irmãos Cosme e Damião; justiça, por São Jerônimo; e lutas raciais que resgatam seus mártires como referências, pela escrava Anastácia.



Mural na Favela de Acari – São Jerônimo/Xangô. Favela de Acari. Imagem de Marcos Alvito. Ano 1996.

Deste modo, se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre um grupo ou pessoa, manifestando o primeiro ponto da estereotipagem¹⁰ que “*reduz, essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença'*”. Estratégia de “cisão”, que divide o normal do aceitável do anormal e inaceitável. Seguindo-se da estratégia de cisão que “exclui ou expelle tudo o que não cabe, o que é diferente” (HALL, 2016, p.191; itálicos do autor). Ainda segundo Hall (2016, p.193):

O poder da expulsão ritualizada, o *poder simbólico*. Em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação”. Ele inclui o exercício do poder simbólico através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica.

A “vinculação” estabelecida por meio desse sistema simbólico que tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder, vincula os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para fora da fronteira simbólica todos os “Outros” diferentes, “que estão fora dos limites” do que é comum, aceitável, pertencente.

Vale destacar que, não obstante, as demais classes coexistem em luta constate por domínios de territórios e meios de produção simbólica, bem como em busca do próprio poder simbólico e também da violência simbólica, pela qual se impõe e se inculca instrumentos de conhecimento da realidade social (BOURDIEU, 1989, p. 11).

4. Considerações finais

A pentecostalização de favelas cariocas e sua dinâmica múltipla e modificada relativizou fronteiras possibilitando relações até então inimagináveis. Evidenciou a narcorreligiosidade já presente nessas comunidades marcadas pela pobreza e insegurança, e reconfigurou territórios de estabelecimento e manutenção de poder.

Os traficantes que redirecionaram sua fé, e associações religiosas de matriz africana para o movimento pentecostal, ressignificam a vida na comunidade e empoderam o movimento já em expansão. O *ethos* de guerra caracterizado por elementos sagrados do catolicismo e da umbanda foi substituído pelo deus dos evangélicos. A autorrepresentação desses traficantes identificados e protegidos por

¹⁰ A estereotipagem, em outras palavras, é a parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre eles e nós (HALL, 2016, p.192).

São Jorge são agora expostas em lugares estratégicos que comunicam e delimitam a ação da nova identidade espiritual, ressignificada pelo universo religioso local pentecostalizado. A linguagem visual religiosa como elemento desse sistema simbólico estrutura e comunica a nova relação narcorreligiosa estabelecida. O poder estabelecido realoca classes e expulsa da fronteira simbólica todo aquele que representa o “outro”.

Como vimos, a conquista desses territórios e a substituição de “senhorio” religioso ocorrem e se mantêm por meio de manifestação de poder através daqueles que conquistaram o direito de representar a comunidade, dominada como resultado de confrontos.

Esta abordagem nos permite identificar uma relação entre o poder exercido em favelas cariocas e como eles se revelam e comunicam por meio de símbolos estruturados e integrados socialmente. Diante do que ainda há de se ampliar a partir do que já foi realizado até aqui, e reiterando a relevância desta pesquisa que se entende parte inicial desse caminho, pretende-se contribuir com novas leituras voltadas a compreender a complexidade desse fenômeno e o aumento de casos de intolerância e violência religiosa, praticadas por traficantes evangélicos contra adeptos de religiões de matriz afro em favelas do Rio de Janeiro.

5. Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GONÇALVES, Juliana. Ataques a religiões de matriz africana fazem parte da nova dinâmica do tráfico no Rio. The Intercept Brasil. Rio de Janeiro, setembro de 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/09/20/ataques-a-religoes-de-matriz-africana-fazem-parte-da-nova-dinamica-do-trafico-no-rio/>>. Acesso em 23/06/2019.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MACHADO, Ricardo. Oração de traficante. O mundo da guerra do tráfico e da guerra das almas. Entrevista especial com Christina Vital Cunha. Revista Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/564908-oracao-de-trafficante-o-mundo-da-guerra-do-trafico-e-da-guerra-das-almas-entrevista-com-christina-vital-cunha>>. Acesso em 23/06/2019.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de traficante: uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

_____. *Religião e Criminalidade: traficantes evangélicos entre os anos de 1980 e 2000 nas favelas cariocas*. In. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, junho – 2014.

_____. (2008), "Traficantes evangélicos": novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas". *Plural Newsletter*, v. 15: 23-46.

_____. (2002), *Ocupação evangélica: efeitos sociais do crescimento pentecostal na favela de Acari*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, PPGSA/UFRJ.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos Cebrap**. São Paulo, 2013, nº 96. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 15/02/2020.